

O BRINCAR E A PSICOMOTRICIDADE

Alice Gritti, Cláudia Ap. Manzoli de Oliveira, Edilaine Fernandes de Melo, Marília Fernanda Galli,
Silvana Pereira Cardoso de Oliveira

Resumo

O processo de brincar é fantasiar, inventar, elaborar, conhecer, criar, transformar, provar, desfazer e imaginar. A criança recolhe de sua vida os argumentos da brincadeira por meio de impressões e emoções que vivenciam das experiências que aprende e das histórias que ouve. Por este motivo, para brincar é necessário compreender que a brincadeira é uma prática da criatividade, nesse ato acontecem trocas, as crianças vivem com suas diversidades, criando-se o desenvolvimento da criatividade, da linguagem, da compreensão e aprendizagem de conhecimentos e emoções, da ação da iniciativa e da determinação. Assim, o presente trabalho tem por objetivo apresentar a importância do ato do brincar na psicomotricidade, uma vez que é por meio do brincar que é concebível a descoberta de determinados problemas que uma criança pode ter na lateralidade e em seu desenvolvimento motor.

Palavras-chave: brincar, desenvolvimento infantil, psicomotricidade.

1. Introdução

Por meio de uma brincadeira comum ou simplesmente durante um jogo é possível encontrar desalinhamentos que uma criança pode ter. Visto que é no brincar que se pode vislumbrar a capacidade manual e habilidades motoras de uma criança. O brincar não é necessariamente um ato de entretenimento, mas com certeza um exercício que permite a aprendizagem de diversas capacidades, que deverá ser realizado em um espaço agradável, motivador, estratégico e enriquecido que torna possível a criança muita inteligência.

O ato de brincar precisa ter o objetivo de promover a descoberta, buscando movimentos ajustados a um distinto ritmo mantendo extremamente a possibilidade de sentir e mostrar sentimentos.

A Psicomotricidade, considerada uma ciência moderna, nos mostra sua origem advinda da medicina, no entanto percebeu-se que não se podia desassociar o indivíduo da perspectiva social, cultural, histórica, isto é, considerá-lo somente como um ser indenitário e mecânico.

O brincar tem essencial importância na formação da psique da pessoa permitindo mecanismo de soluções de problema, imaginação, melhor domínio das emoções e outros.

Jogos e exercícios que associam capacidade motora, cognitiva e social, permitem a isenta expressão do corpo e formação das relações de afeto, portanto dispõe de uma vasta linha de possibilidades de aperfeiçoamento do ser humano como um todo.

O brincar como fator do desenvolvimento social e afetivo, é de alta importância no desenvolvimento da capacidade motora, uma vez que dentro da psicomotricidade o movimento integra

parte do comportamento dos indivíduos, e a capacidade motora é terminantemente valorosa para o desenvolvimento de tais.

Este trabalho objetiva analisar a importância do ato de brincar na psicomotricidade, a fim de auxiliar no processo de desenvolvimento de aprendizagem infantil. O estudo se baseia em uma pesquisa explicativa, fundamentado em acervos bibliográficos relativos à temática do brincar na psicomotricidade. Assim em seu primeiro capítulo o trabalho apresenta a psicomotricidade e seus elementos motores, no segundo capítulo se dará enfoque no brincar em conjunto com a psicomotricidade para o auxílio do desenvolvimento das crianças, no terceiro se tratará da importância o brincar associado a psicomotricidade.

2. Psicomotricidade

A estrutura da psicomotricidade envolve elementos cognitivos e motores de maneira assimilada, isto é, por meio de da psicomotricidade o conjunto de capacidades motoras manifesta - se coincidentemente com a linguagem, alicerces cognitivos e afetivos, tornando primordial entender o movimento e a compreensão em unidade, nesta categoria de conhecimento se distancia do o dualismo cartesiano ganhado do concepção religiosa que influenciavam na ciência de princípios precedentes.

Psicomotricidade é uma neurociência que converte o pensamento em ato motor constante. É a sintonia fina que coordena e organiza os processos geridos pelo cérebro e as expressa em conhecimento e entendimento.

De acordo com Fonseca (2004) o termo psicomotricidade foi utilizado, oficialmente, pela primeira vez na França por Dupré, com estudos que passaram a se destacar em 1920, com objetivo de destacar essa abordagem das capacidades motoras com as capacidades afetivas e cognitivas. A organização dos procedimentos psíquicos e motores possibilitam um crescimento amplo e completo dos indivíduos, conseqüentemente, possibilitando o gerenciamento de mobilidade do corpo e, igualmente, aperfeiçoamento social e desenvolvimento racional, ou seja, cognitivo.

A educação psicomotora deve ser considerada uma educação de base na escola primária. Ela acondiciona todos os aprendizados pré-escolares levando a criança a tomar consciência de seu corpo, da lateralidade, a situar-se no espaço, a dominar o seu tempo, adquirir habilmente a coordenação de seus gestos e movimentos. A educação psicomotora deve ser praticada desde tenra idade; conduzida com perseverança permite prevenir inaptações difíceis de corrigir quando já estruturadas. (LE BOUCH, 1986, p. 15).

Nesse sentido se subteme uma percepção holística de aprendizagem e de adaptabilidade do indivíduo, que tem por intuito, associar de forma dinâmica, o ato ao pensamento, o gesto à palavra, o símbolo ao conceito.

O corpo tem a faculdade de manifestar-se com si próprio e com os que fazem parte do o dia a dia do indivíduo, este processo integra o corpo como um todo, ou seja, corpo, mente, pensamento, sentimento entre outros, se relaciona intrinsecamente com a criança a partir do o nascimento e irão se transformando e modificando-se ao longo de seu desenvolvimento recebendo também tarefas específicas, isto mostra a necessidade de se trabalhar pelas vias da psicomotricidade no espaço escolar de maneira a beneficiar o desenvolvimento amplo e completo dos indivíduos.

A educação psicomotora sugere, então, o desenvolvimento paralelo de tarefas motoras e intelectuais, tendo em vista características de saúde e lazer, mas também propiciando o desenvolvimento integral, estabelecendo seres críticos e aptos de agir em sociedade.

A psicomotricidade se concerne à interação das emoções e do pensamento com a mobilidade do corpo. Ela apresenta ênfase à unidade da educação dos movimentos, simultaneamente em que colocam em jogo as atividades intelectuais. O movimento é característico aos seres vivos, em relação aos seres humanos caracteriza um modo de diálogo, com o universo do qual integra e um meio de modificá-lo.

2.1 A Importância do desenvolvimento psicomotor da criança

Verificando os elementos cognitivos, motores e afetivos pertencentes, no que tange respeito à psicomotricidade, fica possível de se observar a importância do trabalho dos grupos de habilidades motoras de maneira a proporcionar a maturação apropriada de capacidades físicas assim como linguísticas, e de alicerces cognitivos e afetivos, no espaço escolar.

“Entendemos a criança como um ser-histórico, que se relaciona com o mundo por meio de suas interações e experiências. Esta comunicação se dá por intermédio do corpo, compreendido enquanto totalidade localizada culturalmente. Portanto, é importante a construção do movimento da criança” (LORO, 2007, p. 11).

Os princípios essenciais da psicocinética resumem-se em ofertar aos indivíduos um melhor conhecimento e acolhimento de si mesmos, um melhor controle de atuações, autonomia e atribuição social.

A psicomotricidade se baseia num conceito singular de pessoa, sendo assim, a educação justificada nesses princípios deverá oferecer costumes, ideias e emoções para criação da identidade e da

personalidade, e permite a formação de indivíduos com atribuição social, com maior capacidade de administração das emoções, com maior domínio e cuidado com o corpo, ou seja, beneficia o desenvolvimento da sociedade, visto que, com pessoas mais prudentes de maneira integral, o sistema social é privilegiado. Também a esfera da saúde é beneficiada por essa categoria prática, já que o crescimento integrado do ser humano o deixa mais saudável, ágil e desperto. Para que a criança possua uma aprendizagem considerável na sala de aula, é essencial que ela obtenha algumas capacidades que lhe deem condições mínimas para agir de forma mais específica em seu meio.

2.2 Fases do desenvolvimento psicomotor

Para um desenvolvimento psicomotor adequado é indispensável, de acordo com Boulch (1986), o trabalho de quatro fatores: a lateralização, a orientação e a estruturação do esquema corporal, a orientação e a estruturação espaço-temporal e a estabilização dos valores. A maioria desses aspectos é primordial para o desenvolvimento da leitura, pois esta requer capacidade de direção fixa, visualização e fixação de formas, distância em relação às palavras, domínio da relação sentido-som, sincronização de movimentos óculo-manuais. Portanto, é de essencial importância o desenvolvimento físico ligado ao incentivo racional para melhor rendimento pedagógico.

Muitos dos problemas de reeducação, não seriam mais colocados, se, ao lado da leitura, da escrita, da aritmética, uma parte do tempo escolar fosse reservada a uma educação psicomotora cujo material principal seria o movimento, associado a exercícios gráficos e as manipulações. (BOULCH, 1986, p. 25)

São diversas fases de desenvolvimento psicomotor até que o indivíduo obtenha autonomia de seus movimentos, socialização e cognição. Cada idade tem um nível de dificuldade e de agregação para o crescimento singular dos educandos de forma que as atividades integradas das faculdades racionais e físicas respeitam o nível alcançado pelo aprendiz, ensinando e visando o desenvolvimento gradual.

Ao nascer, o bebê dispõe de padrões de comportamentos (os reflexos), que na proporção em que vai se maturando, acaba expandindo suas interações com o meio, com os objetos ou distintas situações, sofrendo um processo de acomodação, isto é, ao lidar com situações nunca vistas, suas estruturas e seus esquemas se modificam.

“Os esquemas tornam-se adaptáveis à uma grande amplitude de situações e objetos e combinam-se entre si de diferentes maneiras, tanto em termos de sequências (por exemplo, pegar – ouvir – olhar ou ouvir – pegar – olhar, etc.) como de funcionamento simultâneo (por exemplo, levantar-se para alcançar o objeto que deseja). (RAPPAPORT, 1981, p.73)

A primeira fase, denominada fase do corpo vivido, é dominada pela experiência que se passa pela criança com até 3 anos de idade, que constantemente explora o meio em que está inserida. Ela desenvolve suas experiências, começa pouco a pouco a se distinguir de seu meio ambiente, tem uma necessidade muito ampla de movimentação. É uma fase em que, o entendimento das partes de seu corpo. “No final desta fase pode-se falar em imagem do corpo, pois o “eu” se torna unificado e individualizado”. (OLIVEIRA, 2007).

Na fase do corpo percebido ou “descoberto que vai dos 3 aos 7 anos, a criança interioriza seus movimentos, organizando-os para ter um amplo controle do corpo, ocasionando à separação dos movimentos voluntários. “A criança com isto passa a aperfeiçoar e refinar seus movimentos adquirindo uma maior coordenação dentro de um espaço e tempo determinados”. (OLIVEIRA, 2007).

Devido às experiências da fase anterior, a criança agora, faz ilustração mental dos objetos do ambiente em que está, relaciona seu corpo aos objetos da vida habitual. Ela percebe que é possível ter domínio e situar seu corpo, o objeto em seu meio e tempo.

Ela chega à representatividade dos elementos do espaço, aprendendo formas e proporções orientado a partir de seu próprio corpo, desta forma, passa a fazer assimilações por meio de tais orientações adquiridas como entender o que é direita, esquerda, acima, embaixo, o que segue antes, em seguida, primeiro, por último. “Pode ser caracterizado como pré-operatório, porque está submetido à percepção num espaço em parte representado, mas ainda centralizado sobre o próprio corpo”. (OLIVEIRA, 2007).

Na terceira e última fase, do corpo representado, que vai dos 7 aos 12 anos, a criança tem um maior controle do corpo, uma vez que já obteve as noções do todo e das partes de seu corpo, a partir daí, vai expandindo o seu esquema corporal. “Sua imagem de corpo passa a ser antecipatória, e não mais somente reprodutora, revelando o verdadeiro trabalho mental devido à evolução das funções cognitivas correspondentes ao estágio preconizados por Piaget de operações concretas”. (OLIVEIRA, 2007).

Esta fase possibilita que a criança organize mentalmente suas atividades, estando apta de programar e combinar vários processos. Os pontos de referência não estão mais acumulados no seu corpo, acontece descentralização, isto é, são fora do indivíduo, desse modo, ele mesmo pode criar pontos de referência que pode guiá-lo, já que agora o corpo está indicado como objeto.

Nesta fase é de muita importância a contribuição pedagógica no progresso cultural das crianças, de maneira a possibilitar o florescimento da personalidade, não deixando que se encontrem restritos à abstração, mas indo além, estruturando pessoas capazes de se comportar socialmente, de investigar padrões, de fabricar conhecimento, de alcançar a satisfação e de se aperfeiçoarem de maneira integral.

3. A importância da psicomotricidade e da ludicidade

De acordo com Santos (2011), no decorrer de muito tempo e ainda atualmente, predomina a indiferença, de vários ao espaço escolar, através do uso do brincar na aprendizagem das crianças. O brincar era e é abordado como uma prática “não séria” que não se adequa nos padrões de ensino, já que, o mesmo autor ainda traz que a escola prioriza a disciplina e o silêncio, igualmente como criança precisa ser obediente ao educador, passiva e imóvel em sala de aula, para que não haja desordem. Isso vai contra os objetivos que vários orientadores difundem onde se valoriza a criança como um indivíduo ativo.

Conforme Oliveira (2007) ao brincar, afeto, motricidade, linguagem, compreensão, representatividade memória e diversas incumbências cognitivas estão excessivamente interligadas. O brincar beneficia o equilíbrio afetivo da criança e colabora para a adequação dos signos sociais.

Luckesi (2004) aponta que, o lúdico tem sua origem na palavra latina "ludus" que quer dizer "jogo". Se o achasse confinado a sua origem, o termo lúdico estaria se referindo apenas ao jogar, ao brincar, ao deslocamento involuntário. Assim como observa Fortuna (2001), em uma sala de aula ludicamente inspirada, convive-se com a aleatoriedade, com o imponderável, o educador renuncia à centralização, à onisciência e ao domínio onipotente e admite a importância de que o aluno tenha uma conduta ativa nas situações de aprendizagem sendo alvo de sua aprendizagem, a naturalidade e a imaginação são continuamente estimuladas.

Ainda de acordo com Fortuna (2001), uma proposta do brincar educativa se torna um desafio à prática do educador, uma vez que, além de escolher, fazer, planejar e desenvolver as atividades precisa interagir no transcorrer da brincadeira se preciso jogar, brincar com as crianças, mas sempre analisando, no prolongar, as interações e trocas de conhecimentos entre eles, “brincar e aprender ensinam ao educador, através meio de sua prática, análise e reflexão, constantemente renovadas, como e o que o educando conhece”.

Dohme (2003) salienta que além de o jogo ser uma prática interessante, ela transmite elementos na qual:

(...) podem colaborar na formação do indivíduo de forma ampla, proporcionando o desenvolvimento em outros aspectos, como físico, intelectual, social, afetivo, ético, artístico. Este desenvolvimento pode ser obtido através de situações comuns decorrentes da aplicação de jogos como o exercício da vivência em equipe, da criatividade, imaginação, oportunidades de autoconhecimento, de descobertas de potencialidade, formação da autoestima e exercícios de relacionamento social.

Le Bouch (1986) fortalece que “é provindo de um desenvolvimento funcional metódico que facilitaremos as aprendizagens específicas”. Neste desenvolvimento funcional, o ensino psicomotor desempenha uma função central já que ele se encerra no ingresso a uma imagem do corpo operatório, condição da oferta própria em relação ao meio material e social. Enfatiza ainda, que o ensino psicomotor nos espaços escolares deveria construir nas crianças, uma conduta correta frente à aprendizagem de natureza preventiva do desenvolvimento total do indivíduo, frente a diversas etapas de aperfeiçoamento.

3.1 O brincar e os jogos na educação infantil

O ambiente escolar precisa aproveitar as atividades lúdicas para o desenvolvimento físico, sentimental, lógico e social do aluno. Uma vez que o aluno precisa se expressar também através do corpo, é essencial que haja uma intencionalidade educativa, um planejamento das atividades, um meio farto e propício a diferentes experiências e, principalmente, o engajamento do professor.

É de suma importância o envolvimento do educador neste processo, a conscientização da importância das práticas lúdicas para o aperfeiçoamento da Psicomotricidade, visto que jogos e brincadeiras são, conforme os especialistas aqui examinados, experiências operantes que se correlacionam ao meio e podem ser aplicadas nas crianças em fase pedagógica.

A pré-escola estimula a criança a se confrontar a descobrir e a compreender tudo ao seu redor, o engatinhar, o andar, o correr e o saltar possibilitam à criança descobrir o ambiente e os desafios existentes. O toque nos demais e nos objetos impulsiona o desenvolvimento de suas percepções e sensações, aprimorando suas competências, desse modo, aprende a se tornar ciente dos movimentos, para prevenir as “tombadas”.

Quando o adulto dá à criança condições e orientações para que ela venha a contrair diferentes experiências, tal possibilidade servirá de apoio a um melhor conhecimento de seu corpo e de suas formas de movimento.

Levando em conta a extensão que a questão motora transmite na vida da criança, é essencial que a escola impacte ao planejar dadas atividades nas ocasiões do dia-a-dia das crianças, levando em conta as interpretações que tem para os pais e para o meio em que vive.

“Visando garantir uma atmosfera de ordem e de harmonia, algumas práticas educacionais procurem simplesmente suprimir o movimento, impondo às crianças de diferentes idades rígidas restrições posturais”. (BRASIL, 1998, p. 17)

A disciplinaridade não é deixar os educandos quietos, comportados, mas é o envolvimento do conjunto como um todo, seus movimentos, seus diálogos, expressões, deslocamentos, por que são manifestações naturais das crianças, importantes para seu desenvolvimento e esse entendimento lúdica do conhecer necessita ser levado em conta através do professor, para que ele administre melhor sua prática, levando em consideração que toda experiência é aprendida e definida pela criança, como mostra no RCNEI (BRASIL, 1998, p.17):

“Todavia, a julgar pelo papel que os gestos e as posturas desempenham junto à percepção e à representação, conclui-se que, ao contrário, é a impossibilidade de mover-se ou de gesticular que pode dificultar o pensamento e a manutenção da atenção”.

Com o passar do tempo, a criança vai dominando suas ações voluntárias, podendo comandar o impulso, selecionando o foco da sua atenção, estudando suas práticas ao executar estabelecidas atividades.

O aluno é um indivíduo ativo, apto de entender a realidade externa conforme seus alicerces intelectuais. Entender o mundo é modifica-lo, representando-o de forma particular. A aprendizagem tem que provocar o interesse, desenvolvendo a curiosidade e a imaginação. Portanto, o interesse interligado à atividade do brincar nos âmbitos escolares, tem-se apresentado cada vez maior e, sobretudo, de educadores que procuram alternativas para o processo ensino-aprendizagem.

“O objetivo fundamental da escola deveria ser o de criar condições favoráveis ao desenvolvimento global da criança, de forma harmoniosa, em seus aspectos físico, socioemocional e intelectual. Priorizar apenas um desses aspectos em detrimento dos demais, seria danoso, pois, o desenvolvimento se realiza sempre de forma integrada”. (ELIAS, 1985, p. 9)

A essencialidade da função do educador como mediador de um espaço propício ao desenvolvimento efetivo, de modo que a criança tenha liberdade de manifestar-se de forma livre, tomar conhecimento e reconhecer seu próprio corpo.

Indispensável o educador incorporar exercícios corporais entre as atividades das crianças. O jogo tem que ser visto pelos docentes como recurso educativo, atrelado ao esquema pedagógico da instituição, com objetivos educacionais, como em qualquer outra atividade, tendo em mente onde se deseja chegar, o que se planeja desenvolver.

Wallon (In Galvão, 1995) traz implicações da educação em seus estudos sobre o movimento, aconselhando uma reflexão pedagógica acerca da repressão dos movimentos como aspecto prejudicial para o desenvolvimento da criança, no plano afetivo, no conhecimento e na coordenação motora em si.

O método de Wallon traz apontamentos significativos sendo necessário à sua observação e compreensão para que os educadores da do ensino Infantil consigam planejar suas atividades e criar as condições apropriadas que favoreçam o desenvolvimento completo da criança.

A criança precisa descobrir condições apropriadas para a sua formação, ou seja, preservar o equilíbrio, correr, saltar, girar, estruturar sensações e movimentos com seu próprio corpo, andar acelerado normal, etc.

A psicomotricidade é relevante para o processo de desenvolvimento da criança, visto que simboliza a criação do pensamento com equilíbrio, já que corpo, mente e emoções estão vinculados. Deste modo, o educador pode trabalhar de forma ciente, tendo conhecimento da importância do desenvolvimento das competências básicas da criança para o seu desenvolvimento integral.

“O professor deve ter conhecimento das características mais importantes dos estágios que antecedem os primeiros anos da escolarização, para poder diagnosticar e trabalhar cada um dos estágios do desenvolvimento infantil”. (ELIAS, 1985, p. 9).

O educador precisa estar atento com o andamento da aprendizagem de cada educando levando sempre em conta suas diversidades particulares e na forma como aborda os educandos mais lentos, para não os rotular, intensificando sempre cada avanço que estes conseguem obter.

3.2 A importância do brincar e dos jogos durante a infância.

A criança, na primeira infância, começa os primeiros vínculos com o meio, com os indivíduos e com os elementos integram seu meio social.

Hoje em dia, o cotidiano da criança está repartido em afazeres, como ir à escola, cursos de línguas, aulas de esportes, a criança termina ficando a maior parte do tempo em frente de computadores e do televisor sem limitações, para os responsáveis é mais fácil eximir a criança disciplinada a uma atividade passiva, pensando que isso é o melhor para ela.

“Seria muito bom que o período da infância continuasse a ser o domínio do lúdico, do brincar, da brincadeira, enfim de criação de uma cultura da criança. Mas o que ocorre é que, até mesmo para a criança, as atividades lúdicas vêm sendo, cada vez mais precocemente subtraídas do cotidiano (MARCELLINO, 2002, p. 36).

Na primeira fase da vida a criança, de fato, detém os potenciais: motor, cognitivo, afetivo e social, os quais geram resultados importantes sobre a vida vindoura. Para que estes potenciais aconteçam de maneira sadia, a criança necessita de um tempo para o brincar, uma vez que, é um período de suma importância para o seu desenvolvimento. Por meio do brincar a criança promove sua autonomia e dialogo, se revela, descobre sua imaginação, ela se revela através do lúdico, como declara (SOUZA, 2007, p. 7):

O brincar permite a obtenção de novos conhecimentos, promover capacidades. é uma das necessidades básicas da criança, é importante para um eficiente desenvolvimento motor, social, psicológico e cognitivo.

Compreende-se que os adultos, que acreditam no futuro da criança, não entendem a necessidade da fase da criança brincar. Essa posição dos pais em relação ao ato de brincar, que é visto como “perda de tempo” mostrando constante preocupação com o futuro profissional do da criança deixa claro que é essencial uma conscientização maior e um melhor entendimento sobre a importância do ato de brincar para a criança, visto que é por meio do brincar que ela interage, alimenta a sua vida íntima, manifestando, desse modo, sua habilidade de ver e rever o mundo. Logo, pode se concluir que as estimulações diversas, acertadas e sistematizadas dos movimentos na criança, por meio de jogos e brincadeiras ocasionam a aprendizagem significativa.

“ (...) é fundamental que se assegure a criança o tempo e o espaço para que o caráter lúdico do lazer seja vivenciado com intensidade capaz de formar a base sólida para criatividade e a participação cultural e, sobretudo, para o exercício do prazer de viver, e viver, como diz a canção”... como se fora brincadeira de roda...”(MARCELLINO, 2002, p. 38).

Brougére (In SARTI, 2001) considera que o desenvolvimento da criança decorre pela experiência social, a brincadeira é o resultado de vínculos interindividuais, sendo assim, produto da cultura, para tanto, não existe na criança o brincar natural, é necessário doutrinar a criança a brincar.

“Através do prazer, o brincar possibilita à criança a vivência da sua faixa etária e ainda contribui, de modo significativo, para uma formação como ser realmente humano, participante da sociedade em que vive, e não apenas como mero indivíduo requerido pelos padrões de “produtividade social” (MARCELLINO, 2002, p.39).

Sendo assim, acredita-se que por meio do brincar a criança se prepara para aprender. Brincando ela entende novos conceitos, detém dados e tem um crescimento saudável, vai criando sua identidade, a semelhança de si e do mundo que a rodeia

Os jogos espontâneos são vistos por (Piaget, 1978) como uma ferramenta incentivadora e motivadora no processo de ensino, por que proporciona à criança uma razão própria que faz agir de maneira significativa seu conhecimento e necessidade de entendimento.

O desenvolvimento do jogo para Piaget nasce no período em que a criança ainda é um recém-nascido, onde ela fará uma adaptabilidade com o mundo exterior por meio de suas praticas reflexas, que propiciará início aos esquemas sensório-motor.

Por meio do jogo simbólico, a criança pratica não só sua habilidade de refletir de representar suas atividades, mas também, suas competências motoras, já que pula, corre, gira, transporta, rola, empurra, etc. Dessa maneira é que se converte em pai/mãe para seus brinquedos ou fala que uma objeto é um trem, nesta etapa a inteligência lógica ainda não é satisfatória para que ela dê explicações coerentes a respeito de determinadas coisas, por isso, ela imagina e não é tão importante para ela mostrar sobre o que está imaginando.

Conforme as vertentes gerais sobre a conceituação da atividade do brincar exposta por esses escritórios, pode-se afirmar que o brincar tem um papel primordial na estruturação da criança ao proporcionar a ela a formação da sua personalidade seja pela busca de atender suas necessidades, por criar sua capa são diversas as influências que o jogo exerce na vida da criança, bem como seu progresso a partir do seu surgimento

A criança usa o jogo como uma forma de direcionar seu pensamento para uma satisfação própria, desde o seu encontro com os demais e os elementos, institui assim, circunstâncias que vem da realidade à fantasia. Dessa maneira é por meio do jogo simbólico que ela se liga ao mundo.

Os jogos e as brincadeiras são um modo de divertimento no qual se englobam as experiências de satisfação e insatisfação. Simbolizam uma forma de conhecimento sobre o mundo e sobre si próprio, auxiliando para o desenvolvimento de fatores cognitivos e emocionais que contribuem para o raciocínio, tomada de decisões, resolução de problemas e o desenvolvimento do potencial imaginário.

O brincar tem um papel importante, pois se mantém como produto e produtor de emoções e interpretações na formação da individualidade da criança. Essa atividade possibilita um período de descontração e de informalidade que a ambiente escolar deve usar mesmo que isso possa parecer uma contradição, uma vez que a sua função, por excelência, é a de ofertar a aprendizagem formal, porém tendo também de executar um papel de suma importância na formação da criança e da sua personalidade. Portanto, demonstra a ser sua finalidade até mesmo a de fornecer atividades como a brincadeira. Porém, a introdução de um espaço de brincadeira cria uma prática que não é fácil de sugerir, uma vez que necessita do desenvolvimento da capacidade de brincar do educador.

Nesse sentido, o brincar não pode ser adotado apenas como uma ferramenta didática para ajudar na aprendizagem dos assuntos curriculares. Mas, sobretudo, como uma ampliação da compreensão do educador em relação à brincadeira apresentando a importância desta nos processos de desenvolvimento e ensino, podendo ser aplicada como maneira de comunicação, propiciando um maior conhecimento sobre seus educandos.

Compreende-se que o período lúdico, como ambiente de descontração, no espaço escolar necessita ser visto como constituinte da criança a qual, a partir de vivências que experimenta, produz suas ligações interpessoais. A criança é desenvolvimento e processualidade constante sem jamais se tornar inerte em sua condição particular atual. Então, o ambiente escolar ao proporcionar ambientes como esse, permite novas possibilidades para o desenvolvimento da individualidade. O brincar beneficia o desenvolvimento completo do aluno na sua singularidade.

Através do brincar a criança tem a oportunidade de vivenciar outras formas de ação, realizá-las, ser dinâmica, criar situações e reproduzir ocasiões e interações relevantes de sua vida, dando outro significado a elas.

Na infância, mais que em qualquer fase, é de suma importância para a vida dos indivíduos a brincadeira o jogo e o brinquedo. Uma vez que as crianças brincam com bastante intensidade nessa etapa pré-escolar.

Os jogos e brincadeiras concedem gestos, expressões faciais, movimentos apreendidos e interpretações de distintas formas por diversificados grupos sociais. Toda cultura oferece interpretações diferentes ao movimento, aos gestos, expressões faciais, posturas corporais, sendo muito vasta a atuação da cultura para o movimento.

4. Conclusão

Analisando-se as particularidades do desenvolvimento psicomotor e do brincar bem como os conteúdos de diferentes autores, entende-se que é de suma importância a relação entre o brincar e a psicomotricidade na educação infantil. Esta relação é uma ferramenta muito eficaz ao processo de aprendizagem visto que a psicomotricidade atrelada ao brincar permite uma alta e efetiva proposta de desenvolvimento global nas práticas pedagógicas.

Nota-se que a melhor forma de inserir psicomotricidade e o brincar de maneira construtiva e educativa, dando valor as diversas facetas do indivíduo, é por meio de jogos. Pois eles trabalham o corpo e a mente dos educandos e contribuem para a socialização, a liberdade e o senso crítico, proporciona o diálogo entre o acervo cultural singular do aluno.

O brincar é um aspecto que faz parte da criança, é ao brincar que a criança é capaz de expressar suas emoções mais genuínas, e aprendizagens que só ali, naquele instante podemos ser capazes de notar e observar. Quando brinca ela torna reais as suas ideias e revive experiências do seu cotidiano, e isso a prepara para buscar o entendimento do mundo e de si mesma. Brincando está em contato com as demais crianças, ensaia instantes de sua vida singular e coletiva, brinca, almeja, entende, analisa, produz emoções, age e reage ao brincar, começando dessa forma a lidar com o mundo e com a sociedade a que pertence.

O ensino pedagógico possui diversas incumbências, dentre elas a de criar a consciência emocional e social, a pessoa que atua de forma integrada e mais sociável, domina melhor seus sentimentos, portanto, o trabalho da mente e do corpo de modo lúdico beneficia a formação de indivíduos melhores, saudáveis e mais produtivos.

Se percebe também que a psicomotricidade e o brincar estão interligados ao desenvolvimento tanto corporal quanto emocional da criança, sendo ambos essenciais no processo de aprendizagem. Pois no momento em que a criança brinca, ela cria, ela vivência aquele momento. Assim como foi exposto ao longo deste trabalho, a criança traz no momento dos jogos, do brincar, circunstâncias pessoais, além de suas emoções.

Sendo assim, constata-se que os dois conceitos levam em conta o crescimento emocional, social e racional dos indivíduos, e, portanto, respeita o ser humano em toda sua integralidade e diversidade de modo a auxiliar seu desenvolvimento completo.

Referências

- CHÂTEAU, Jean. **“O jogo e a criança”**. São Paulo: Summus, 1987.
- DOHME, Vânia. **Atividades lúdicas na educação: o caminho de tijolos amarelos do aprendizado**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.
- ELIAS, Marisa Del Cioppo. **“Alfabetização: habilidades básicas- atividades”**. São Paulo: Base Editorial e Tecnologia Educacional, 1985.
- FONSECA, V. da. **Psicomotricidade: perspectivas multidisciplinares**. Porto Alegre: Artmed, 2004.
- FORTUNA, Tânia Ramos. **Formando professores na Universidade para brincar**. In: Santos, Santa Marli Pires dos (org). *A ludicidade como ciência*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.
- LE BOUCH, Jean. **Educação Psicomotora: Psicocinética na Idade Escolar**. Porto Alegre; Artes Médicas, 1986.
- LORO, Paulo Alexandre. **“Ação pedagógica visa promover vivências significativas na infância”** in: *Revista do Professor – Educação Infantil: Corpo em movimento*. Porto Alegre. Ano 23.
- LUCKESI, Cipriano Carlos. **Ludicidade e atividades lúdicas: uma aprendizagem a partir da experiência interna**. 2005
- MARCELLINO, Nelson Carvalho. **“Estudos do lazer: uma introdução”**. 3ª ed. Campinas, São Paulo: Autores associados, 2002.
- OLIVEIRA, Gislene de Campos. **Psicomotricidade: educação e reeducação num enfoque psicopedagógico**. Petrópolis. Rio de Janeiro: Vozes, 2007.
- PIAGET, J. **“A formação do símbolo na criança”**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.
- RAPPAPORT, Clara Regina; FIORI, Wagner da Rocha; DAVIS, Cláudia. **Psicologia do desenvolvimento: teorias do desenvolvimento – conceitos fundamentais**. São Paulo: EPU, 1981.
- RCNE - **REFERENCIAL CURRICULAR NACIONAL PARA A EDUCAÇÃO INFANTIL** - Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- SANTOS, Santa Marli Pires dos. **O brincar na escola: Metodologia**. 2 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.
- SARTI, Hilda Lúcia Cerminaro. **“O brincar na prática pedagógica e no Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil: um estudo de caso”**. Dissertação de Mestrado. PUC/ SP. 2001.
- SOUZA, Edilene Modesto de. **“Quer brincar?”**. *Folha de São Paulo Equilíbrio – Infância*. 11 de Outubro de 2007, p. 7.